

# OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS EM ARARAQUARA/SP: UMA INTERPRETAÇÃO ARQUEOGEOGRÁFICA DOS CONFLITOS DE CLASSES

Patrícia de OLIVEIRA

Mestranda em arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)  
pati\_oliv@hotmail.com

Mauro Alexandre Farias FONTES

Prof. Dr. pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFape)  
mauro.farias@ufape.edu.br

**Resumo:** Aqui buscamos, nas paisagens cemiteriais da cidade de Araraquara, inferir sobre a organização social entre os séculos XIX e XX, podendo assim, interpretar e apresentar uma história pela ótica não hegemônica. Para isso, analisaremos, de forma interdisciplinar, utilizando a Arqueogeografia, os espaços funerários enquanto produto da sociedade e, por isso, reflexo de suas vivências, ideologias e ações. Entendemos que as paisagens que compõem esses espaços estão carregadas de símbolos e significados expressos nos elementos materiais que preenchem tais cenários, sendo necessário um olhar crítico para interpretar e explicitar essas histórias que, ao longo do tempo, sofreram e sofrem tentativas, muitas vezes bem-sucedidas, de silenciamento e apagamento perante a sociedade. Através da análise empírica das práticas funerárias e das informações obtidas na literatura, inferimos sobre as disputas sociais que se estabeleceram na cidade naquele período que, além de modelar os espaços funerários, promoveram as práticas sociais dos munícipes do passado e de hoje.

**Palavras-Chave:** Paisagem; Práticas funerárias; Arqueogeografia.

**Abstract:** Here, we seek to infer from the cemetery landscapes of the city of Araraquara about the social organization between the 19th and 20th centuries, thus being able to interpret and present a history from a non-hegemonic perspective. To this end, we will analyze, in an interdisciplinary way, using Archaeogeography, the funerary spaces as a product of society and, therefore, a reflection of its experiences, ideologies and actions. We understand that the landscapes that make up these spaces are loaded with symbols and meanings expressed in the material elements that fill such scenarios, requiring a critical eye to interpret and explain these stories that, over time, have suffered and continue to suffer attempts, often successful, to silence and erase them from society. Through the empirical analysis of funerary practices and information obtained from the literature, we infer about the social disputes that were established in the city during that period that, in addition to shaping the funerary spaces, promoted the social practices of the citizens of the past and today.

**Keywords:** Landscape; Funeral practices; Archaeogeography.

## 1. ENTENDENDO A CIDADE PELA PERSPECTIVA ARQUEOGEOGRÁFICA

A Arqueogeografia promove uma análise integrada entre o presente e o passado, levando em conta todos os aspectos geográficos, sejam eles humanos ou físicos. Aqui apresentamos um estudo tridimensional, que considera as diversas camadas temporais que estão sobrepostas em suas diversas expressões da cultura material, das práticas espaciais impressas no espaço e na memória. A seguir, podemos ver em Chouquer (2000 apud Costa, 2018) as concepções sobre a Arqueogeografia. A arqueogeografia propõe a crítica argumentada à continuação do uso de concepções antigas nas investigações atuais, e também evidencia os limites das teorias e das metodologias mais recentes.

*[...] Esta disciplina observa as materialidades existentes na paisagem e entende o espaço geográfico como herdeiro de ações (naturais ou antrópicas) que na longa duração se transmitem e se transformam em modalidades espaço temporais próprias (Chouquer, 2000 apud Costa, 2018, p. 125).*

Segundo Fraga (2022), o termo "Arqueogeografia" surge em 1928, mas é em 1989, com Javier de Carlos Izquierdo, que surgem as bases do Método Arqueogeográfico. Encontramos produções da arqueogeografia no continente europeu, principalmente na Espanha, França e Portugal. Para Izquierdo (1991), a Arqueogeografia está ligada às relações de povos pretéritos com o espaço, tendo suas raízes na Arqueologia Espacial,

*[...] pero con otro sentido muy diferente, ya que es consciente de que sí el método está ausente no se puede apurar la metodología. Por lo tanto, la diferencia esencial entre Arqueología Espacial y Arqueogeografía no está determinada por una diferente metodología, sino por el procedimiento, es decir la utilización que se haga de esta, el método. La Arqueogeografía tiene la finalidad de estudiar el espacio arqueológico, y para ello se sirve de un procedimiento propio, frente a la ausencia de procedimiento de la arqueología espacial. (Izquierdo, 1991, p. 5)*

No que tange às definições da Arqueogeografia, podemos ver em Izquierdo (1991) que é fundamental que tanto a ciência geográfica quanto a ciência arqueológica estejam trabalhando conjuntamente, e não apenas uma eventual apropriação de técnicas uma da outra.

*[...] los profesionales que se ocupan de estas áreas nuevas, es unidireccional, tienen una formación preferente dentro de un área de conocimiento, y utilizan las técnicas de otros campos científicos. No se puede decir, que desempeñen una labor interdisciplinar, porque no aplican los principios esenciales de dos áreas de conocimiento. (Izquierdo, 1991, p. 1)*

Costa (2018) defende que a Arqueogeografia é fundamental para a compreensão das transformações dentro do recorte espacial e, inclusive, da formação do espaço

geográfico:

Neste sentido, a arqueogeografia, como disciplina que propõe metodologias para a compreensão das diversas dinâmicas de transmissão e transformação das formas no espaço e no tempo, afigura-se essencial para a compreensão do espaço geográfico (Costa, 2018 apud Chouquer, 2000, p 4).

Compreendemos então que a arqueogeografia se propõe a entender as dinâmicas espaciais pretéritas através da cultura, também pretérita que se apresenta no presente, expressa na materialidade e/ou na imaterialidade, como por exemplo, a memória popular.

Neste sentido, buscamos compreender a cidade de Araraquara, localizada no interior do Estado de São Paulo, com uma população de aproximadamente 250 mil habitantes, que acompanhou em sua história diversas fases políticas econômicas e sociais do Brasil até que, diante de seu aglomerado populacional de práticas rurais, surge como cidade, em 1817. Araraquara vivenciou o Brasil Império, o ciclo do açúcar, café e tantas outras etapas políticas e econômicas do Brasil.

Hoje, segundo dados do IBGE (2010), a cidade possui um dos mais altos Índices de Desenvolvimento Humano do país, as ofertas públicas referentes a atividades esportivas e culturais são significativas, no esporte são oferecidas gratuitamente mais de 20 modalidades para crianças e adolescentes em diferentes bairros da cidade, assim como as oficinas culturais compreendem uma diversidade de propostas artísticas. A cidade possui uma significativa arborização, tendo como um de seus cartões postais o *Boulevard dos Oitis*, uma rua tombada pelo patrimônio municipal cujo calçamento, iluminação e arborização promovem um embelezamento único, criando um túnel verde com as copas das árvores que se encontram no alto.

Todo esse contexto, entre passado e presente, são informações que fazem parte da história da cidade, mas que pouco falam sobre as desigualdades sociais, ficando à cargo da análise interdisciplinar entre a Arqueologia e Geografia, compreender e inferir sobre as lacunas existentes.

## 1.1 CONTRIBUIÇÕES DA ARQUEOLOGIA

Os estudos arqueológicos referentes a todas as práticas ligadas à morte de forma sistematizada, inicia-se com a Nova Arqueologia que apoiada pela Antropologia foi buscar a valorização de todo o processo que envolve determinada cultura material, abrindo as possibilidades para os estudos arqueológicos que tinham como foco as análises físicas e biológicas dos contextos mortuários. No Pós-processualismo, as pesquisas arqueológicas referentes às práticas funerárias puderam interpretar que a perspectiva social dessas culturas materiais estavam carregadas de ideologia.

Em todo esse percurso da organização do pensamento, a arqueologia, direcionada pelo estruturalismo, compreende que a cultura material é uma forma de expressão, que os objetos materiais são símbolos que, quando decodificados, carregam as práticas de

um determinado tempo e espaço, como podemos ver em Johnson (2000, p. 123):

Los arqueólogos influidos por el estructuralismo sugirieron que algo parecido ocurre con los objetos materiales que descubrimos en el registro arqueológico; los objetos serían, pues, otra forma de expresión cultural. Si se pretende explicar una cultura es preciso, por lo tanto, desvelar las reglas ocultas generadoras de las formas culturales.

Neste sentido, quando pretendemos buscar na análise da materialidade das paisagens cemiteriais os códigos e padrões e/ou diferenças, é porque acreditamos que, possivelmente, indicarão as dinâmicas sociais de Araraquara ao longo de sua história.

Outro olhar no qual nos baseamos é que, nosso recorte espacial diz respeito aos cemitérios dentro do espaço urbano, sendo assim, precisamos buscar na Arqueologia Urbana, suas percepções e ferramentas de análise. Seguindo esta linha de raciocínio, temos a centralidade dos estudos baseados nas cidades.

O início da formatação do espaço que conhecemos como cidade surge lá atrás. Passando pela sedentarização, pelas cidades da Antiguidade, pelas cidades do período medieval, cidades barrocas, cidades coloniais, até chegar nos modelos que temos hoje com as cidades industriais, que são produtos e, também provedoras do nosso modo de vida, sendo uma área frutífera para a arqueologia, como podemos observar em Costa (2014, p. 57) quando diz que “são com estas constantes transformações que as cidades se caracterizam enquanto um objeto possuidor de tempos e espaços singulares e universais e, para seu estudo, a arqueologia pode e tem muito a contribuir.”

Mas, antes de constituir a cidade dos vivos, os seres humanos já sinalizavam pela valorização do espaço fixo quando, ainda nômades, reservavam um local específico que trouxesse segurança para guardar e cultuar seus mortos, sendo a cidade dos mortos anterior a dos vivos, como nos traz Munford (1965). Sposito (2008, p. 11), quando nos fala sobre as cidades, também nos traz a seguinte reflexão:

O período paleolítico é marcado pela não fixação do homem, pelo nomadismo enfim. Contudo, as suas primeiras manifestações de interesse em se relacionar com algum lugar são deste período, e podemos reconhecê-las por dois fatos. Primeiro, pela respeitosa atenção que o homem paleolítico dispensava a seus mortos, preocupando-se com que eles tivessem um lugar, uma “moradia”, apesar do caráter itinerante e inquieto dos vivos.

As ideias de Munford (1965) e Sposito (2008) além de serem informações que nos ajudam a compreender as cidades e, por isso, nos indicam a amplitude pela qual a Arqueologia Urbana pode percorrer em temas para seu desenvolvimento, também sinalizam para a importância que a morte, principalmente as práticas funerárias têm em nossa história enquanto sociedade.

A Arqueologia Urbana surge no final da década de 1940, fomentada pela necessidade de reconstrução das cidades no pós-2ª Guerra Mundial, no entanto, o avanço nas

tecnologias de transporte e comunicação passam a gerar um mundo extremamente mais dinâmico, com transformações em todo o espaço e, aqui para nós, especialmente no espaço urbano, passam a acontecer em uma velocidade exponencial. As cidades vão acumulando camadas de materialidades, objetos e ações, que rapidamente se tornam obsoletos na vida contemporânea. Sendo assim, a Arqueologia Urbana se debruça em uma infinidade de interesses como o salvamento, a atividade de contrato para os grandes empreendimentos, as diversas manifestações arquitetônicas e demais marcas na materialidade da paisagem que expressam histórias, memórias e modos de vida, sendo ela uma decodificadora e indicadora das transformações sociais no espaço urbano. Para nós, usamo-la para entender as dinâmicas sociais da vida urbana de Araraquara.

A Arqueologia Funerária se propõe a aprofundar seus estudos sobre a morte a partir do estabelecimento ritualístico de práticas funerárias, sejam eles de qualquer formato, tempo e espaço. Para Oliveira (2018, p. 9), a Arqueologia Funerária se diferencia da Arqueologia da Morte e se define da seguinte forma:

Uma Arqueologia funerária, porção específica da Arqueologia da Morte, apresenta objetivos focados nos remanescentes de práticas funerárias associadas a ciclos funerários específicos, onde a simbologização dos objetos e do corpo demandam rituais de passagem ligados ao fenômeno da morte, em seus variados aspectos (a morte natural, morte violenta, morte por doença, a morte por suicídio, a boa morte, entre outros). Cemitérios e campos de extermínio e ocultação de cadáveres, simultaneamente, por exemplo, são objetos de estudo da ampla Arqueologia da Morte, enquanto que a Arqueologia funerária se ocupa exclusivamente dos cemitérios e seus correlatos não ocidentais.

Para Ribeiro (2007) a Arqueologia Funerária peca por não valorizar as práticas em si, e é através dos vestígios dessas práticas que podemos buscar interpretações referentes às crenças e ritos do momento de sua realização. Para a autora, a Arqueologia, através de sua subárea "Arqueologia das Práticas Mortuárias", estuda:

(...) muito mais do que a morte, a Arqueologia estuda os remanescentes das práticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias. (Ribeiro, 2007, p. 19)

Oliveira (2018), baseada em Saxe (1970) Binford (1971), traz a ideia de que as práticas e ritos da morte são reflexos da organização social, ou seja, através das evidências referentes aos ritos, ornamentos, organização dos restos mortuários, podemos inferir sobre o funcionamento de uma determinada sociedade.

As investigações nesta área do conhecimento permitem ao pesquisador identificar a qual classe social o indivíduo morto pertencia e a hierarquia social daquele momento histórico. Já os dados biológicos podem indicar doenças, disponibilidade de alimentos,

técnicas de cuidados com a saúde, entre outras. Os espaços funerários podem indicar, também, relações de trocas comerciais com a presença de elementos não comuns naquela localidade. Enfim, são infinitas as possibilidades investigativas a partir do contexto nos espaços funerários.

Em nossa pesquisa, o espaço funerário nos permite retomar um passado recente e, juntamente com seu contexto histórico e socioespacial, entender as práticas mortuárias ao longo do século XIX e XX como um desdobramento das esferas culturais, políticas e religiosas. Os significados e ressignificados dos espaços mortuários são fruto das dinâmicas sociais que se entrelaçam ao longo dos anos deixando suas marcas na paisagem.

São nos espaços cemiteriais onde se encontram não somente aspectos físicos e simbólicos aptos a serem estudados pela Arqueologia Funerária, mas locais nos quais a memória está ali presente, em cada componente agregado ao ambiente e por vezes em seu entorno, a qual possui sua relevância no que tange a compreensão da instituição do lugar. E esse conjunto de elementos nos fornece subsídios para compreender o papel daquele espaço fúnebre, dos agentes e das práticas a ele envolvidas, no tempo de sua ocupação e porventura, de possíveis ressignificações do lugar. (Ferreira e Andrade, 2021, p. 58-59)

## 1.2 CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA

De forma interdisciplinar, buscaremos na geografia o aporte teórico para nos guiar nas discussões de Espaço e Paisagem. Ainda que estejamos centrados na Paisagem, por vezes, precisamos compreender o Espaço enquanto categoria de análise para entender a socioespacialidade da cidade.

A Paisagem, enquanto categoria de análise geográfica, se constitui como um recorte dentro do Espaço, onde os objetos e ações articulam-se entre si e na perspectiva de um determinado indivíduo e em determinado momento. Acreditamos que a Paisagem é o conjunto das partes materiais e imateriais do contexto humano, materializadas e imaterializadas no espaço de forma que, além de exprimir os elementos físicos e de ordem subjetiva, exprime também a variação temporal que a compõe, a partir de suas marcas na paisagem, direta ou indiretamente, explícita ou que necessite ser desvendada.

Cosgrove (1998, p. 222 e 228) define a paisagem “como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados”, ou seja, a paisagem está repleta de simbolismos e expressões culturais, isso porque a paisagem e seus significados simbólicos são produtos da “apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem”. Para o autor, o simbolismo é uma linguagem que imprime nas paisagens as normas culturais e os valores sociais dominantes daquele local e época. Neste sentido, ele divide a paisagem simbólica em “paisagens da cultura dominante”, cujos símbolos exprimem as normativas dos grupos político e economicamente dominantes; e “paisagens alternativas”, que podem ser residuais, emergentes ou excluídas.

A paisagem, portanto, como uma expressão cultural, irá propagar de forma hegemônica, ou talvez relativamente impositiva enquanto articulação política consciente,

a leis e regras do grupo dominante politicamente, economicamente e ideologicamente. Para Cosgrove (1998, p. 231). “em sociedades de classe, exatamente como o excedente é concentrado socialmente, assim o é espacialmente”.

Através do Espaço e as relações humanas contidas nele e a partir dele, traçamos pontos iniciais da análise geográfica por meio de suas categorias, como a Paisagem, o Lugar, o Território e a Região. É no espaço geográfico que podemos analisar todas as relações e produtos frutos das condições naturais e da nossa intervenção. Neste sentido, usamos a definição de espaço segundo Milton Santos (1996, p. 71):

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Devemos considerar que o Espaço se transforma naturalmente, mantendo um equilíbrio e certa previsibilidade de existência de seus elementos e, de forma antrópica, produzindo uma configuração que extrapola o sistema natural do nosso planeta. Tais transformações se realizam através do tempo, deixando para nós a responsabilidade de compreender determinado espaço em toda sua complexidade histórica de objetos e ações. Ou seja, para compreendermos de forma integral o Espaço é preciso buscar, em cada camada de sua história, as nuances e elementos de sua configuração, entendendo assim suas práticas espaciais pretéritas e atuais.

## 2. ESPAÇOS CEMITERIAIS DE ARARAQUARA

Seguindo os costumes da época, no período de formação da Freguesia de Araraquara, segundo Telarolli (2003), por volta de 1805, os sepultamentos eram realizados em solo eclesiástico, na atual Basílica de São Bento. No decorrer dos anos, influenciado pelas novas políticas de saneamento, outros espaços funerários foram instituídos na cidade. Primeiro ao redor da igreja, tentando manter a tradição católica. Mais tarde, ainda ligado à administração paroquial, foram construídos dois cemitérios a menos de 300 metros de distância da igreja. Eles foram desativados em 1889, segundo o Livro de Matrimônio, Óbitos e Batismo nº 1, para dar lugar ao Cemitério São Bento.

### 2.1 Cemitério São Bento

Finalmente, acatando as recomendações nacionais, o cemitério São Bento foi construído a partir das normas de saúde pública que, tentando minimizar as mazelas devido às epidemias que ocorriam principalmente na faixa litorânea, exigiam que os sepultamentos deveriam ser realizados em local afastado do núcleo urbano. O cemitério São Bento está ativo desde 1889 e abriga sete sepulturas de milagreiros, além de

outras que, apesar de não figurarem como oficiais, portam placas de ex-votos por graças recebidas, possui diversas artes tumulares e atualmente sua localização é considerada central na cidade.

Depois de consolidada e economicamente próspera a fase da monocultura cafeeira, a interesse dos fazendeiros da época, Araraquara começa a se desenvolver enquanto cidade nos padrões urbanísticos típicos do continente europeu. A chegada dos imigrantes vindos da Europa já era uma ação higienista que não se restringia ao tom de pele, mas que buscava desconstruir as práticas culturais e religiosas também, não

**Figura 1 - Recorte do mapa "Sesmarias de Campos de Araraquara" (1916) com a localização do cemitério São Bento.**



**Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/Memória Coletiva.**

**Figura 2 - Cemitério São Bento, vista da Rua 1 (1933).**



**Fonte: LOPES (1999 - CD -Rom)**

só em Araraquara, mas em todo o país. A maldade institucional às pessoas cuja pele apresentava tonalidades mais escuras era evidente, como pode ser percebido no caso do linchamento de Guilherme e Veríssimo em 1889 descrito em Telarolli (2003), e, por outro lado, mas não menos maldoso, a lógica mercadológica fez com que os negros libertos fossem inseridos no mundo do trabalho assalariado, com baixos salários e destinados a fazer todo o trabalho pesado e/ou que era considerado ultrajante. Não podiam ter as mesmas vivências da e na cidade que as pessoas brancas desfrutavam, a exemplo do enterramento. Para serem enterrados no cemitério São Bento, era necessário que um branco conseguisse corroborar politicamente para tal feito e comprasse o seu túmulo. Este fato é evidenciado pelas lápides do período em questão, encontradas no cemitério, onde especificam o nome da família que comprou a sepultura em agradecimento aos serviços prestados, como fica evidente no túmulo de Eduardo, um famoso milagreiro do cemitério.

Refletindo sobre os fatos que modelaram e modelam a cidade, tivemos três epidemias que mudaram muito a organização da cidade: a Varíola em 1892/1893; a Febre Amarela em 1895/1896, e; a Gripe Espanhola em 1918. Sendo a Febre Amarela, a epidemia de maior intensidade.

Devido a chegada dos vírus mortais, ficou decidido pelo poder administrativo municipal da época que os enterramentos dos contaminados seriam realizados no além Ribeirão das Cruzes, fronteira essa extremamente distante do centro urbano da época, aproximadamente 4 km. E assim começa a se desenhar o que hoje conhecemos como Cemitério dos Britos.

## 2.2 Cemitério dos Britos

O Cemitério dos Britos, antes denominado Cemitério das Cruzes, entra em atividade, segundo o livro de registro de sepultamento, na década de 1960, porém, o local foi utilizado para sepultamento desde o século XIX. Durante a epidemia de Varíola, nos anos de 1892 e 1893, uma área de frente a atual localização do cemitério foi destinada ao sepultamento dos falecidos pela doença. Alguns anos depois, mais precisamente em 1895 e 1896, diante de mais uma epidemia, desta vez da Febre Amarela, e pelo receio de contaminação, o Cemitério São Bento teve seus portões lacrados e, então, os mortos pela doença foram enterrados na área que hoje compreende o Cemitério dos Britos.<sup>2</sup>

Ainda hoje é possível observar dois túmulos que destoam do padrão estético do restante, e para os funcionários mais antigos, tais túmulos são remanescentes dos sepultamentos do final do século XIX, da epidemia de Varíola.

Segundo relatos populares, possivelmente também eram sepultadas no Cemitério dos Britos as pessoas negras, já que notoriamente não podiam frequentar os mesmos locais

---

<sup>2</sup> Aqui utilizamos o sobrenome Britos no plural por se tratar da forma como a população se refere ao cemitério, denotando ali o enterramento de Rosendo e Manoel de Souza Brito, sobrinho e tio, após o envolvimento em episódio de morte ocorrido em 1897 e que marcou a história de Araraquara.

que os brancos, nem mesmo na morte.

Em 1897, a área também serviu como cenário de um importante acontecimento da cidade, o sepultamento dos Brito – sobrinho e tio – após seu esquartejamento engendrado pelo grupo de poder da cidade para simular um linchamento, que iremos detalhar mais adiante. A partir disso, o local que era tido como uma área de demérito, começou a ser frequentado pela peregrinação da população que transformou Rosendo e Manoel de Souza Brito em milagreiros diante de todo o mal e sofrimento que passaram.

Hoje, esse espaço funerário conserva, em sua Paisagem, elementos que carregam suas origens, tanto pelo sepultamento mais simples, com jazigos sem ornamentos e identificação, apenas uma cruz branca e numerada marca o local da cova e o registro administrativo indica o nome da pessoa sepultada, como também, mais recentemente está passando por uma transformação com investimentos públicos em prol da valorização

**Figura 3 - Cemitério dos Britos: inauguração da Capela de São Manoel /Capela das Almas (1952)**



Fonte: LOPES (1999 - CD -Rom)

da memória araraquarense. Há uma área, construída posteriormente, onde os jazigos são perpétuos e pagos, apesar de pertencerem a administração pública, nesta área, diferente do restante do cemitério, os jazigos se constituem no formato cemitério jardim com ornamentos padronizados para a estética *clean*.

**Figura 4 - Vista atual do Cemitério dos Britos**



**Acervo da autora.**

### **3. A DISPUTA**

Os fatos tratados até aqui são parte da história da cidade, no entanto, ainda há muitas lacunas, muitas histórias não contadas ou não aprofundadas. Entre um espaço cemiterial e outro, há diferenças em suas paisagens, em seus significados e significantes dentro da sociedade, tratam-se de contextos arqueológicos. Acreditamos que tais espaços, através de suas materialidades, são capazes de simbolizar os conflitos de classes. Entendendo que as práticas funerárias, e aqui as entendemos como os elementos arquitetônicos externos, a presença das inscrições nas lápides, a presença de ex-votos e a devoção popular, a própria localização dos cemitérios dentro da malha urbana se apresentam como elementos das paisagens cemiteriais, que nos indicam a dinâmica social da cidade

ao longo de sua existência, sendo produto e produtores da memória popular da cidade. E através da análise desses elementos, podemos contar a história de Araraquara pela perspectiva dos que sucumbiram historicamente perante a hegemonia social.

Muitos são os indícios, no passado e no presente, sobre uma latente disputa, por vezes indireta, de classes. Ao longo dos anos, o evento de 1897 que deixou a cidade de Araraquara conhecida como "Linchaquara", vem se materializando no espaço da cidade e na memória popular essa disputa de narrativas, ainda que não seja em uma ação direta e consciente para tal, mas evidente.

No dia dois de junho de 2024, ocorreu mais um capítulo dessa disputa, com a realização de uma missa de inauguração do Memorial dos Britos, no cemitério municipal que hoje carrega o mesmo nome. A construção do memorial fez parte de um projeto ligado às Secretarias de Cultura e de Obras e Serviços Públicos que promoveu uma reforma significativa no espaço cemiterial. Foram criadas salas para o velamento, um espaço ecumênico, reformas na Capela de São Manoel, onde supostamente estariam sepultados Rosendo e Manoel de Brito, e na Casa dos Milagres, local onde os devotos dos Brito deixam seus ex-votos e praticam suas preces de pedidos e agradecimentos. O memorial conta com um pequeno percurso, ao redor da Casa dos Milagres, onde, além da revitalização e paisagismo, foram fixadas oito placas que contam a história de vida e morte de Rosendo e Manoel. Os textos trazidos nas placas têm como objetivo, informar a população uma história diferente da oficial.

**Figura 5 - Memorial dos Britos: Imagens de Rosendo e Manoel**



Acervo da autora.

**Figura 6 - Memorial dos Britos: Placas que contam a história de Rosendo e Manoel.****Acervo da autora.**

No processo judicial da morte de Rosendo e Manoel de Brito, a conclusão não indica culpados, por se tratar de um crime de linchamento, onde não foi possível identificar os autores. Já as placas expostas no memorial, contam a história da morte de Rosendo e Manoel, destacando a covardia dos mandatários e executores do crime e o conflito político.

Outras duas ações neste cemitério evidenciam que, além de servir de última morada para muitos munícipes há mais de um século, ele se caracteriza por um espaço de disputa social. Em 2021, a partir da PL N° 35/2021, a Câmara Municipal de Araraquara outorgou a mudança de nome do cemitério, ele deixou de ser Cemitério das Cruzes e passou a ser chamado de Cemitério dos Britos, oficializando o nome popular que já recebia e, também, dando destaque a esses personagens que permeiam a realidade araraquarense nas perspectivas econômico social, religiosa e, até mesmo, mítica. Por fim, a última ação foi a mudança do centro administrativo dos cemitérios municipais. Após as reformas e inauguração que citamos aqui, o Cemitério dos Britos passou a abrigar o prédio administrativo dos assuntos cemiteriais da cidade. Anteriormente, era o cemitério central da cidade, o São Bento, que abrigava tal administração, sendo igualmente antigo e não por acaso é o local de sepultamento do personagem antagonista aos Brito, o Coronel Antônio Joaquim de Carvalho.

Esses investimentos em reformas e mudança administrativa são evidências burocráticas e oficiais do reconhecimento e manutenção da memória dos Brito, um movimento recente que está algumas décadas atrasado se pensarmos que a população araraquarense já havia feito esse reconhecimento popular mediante a condição de milagreiros que deram à Rosendo e Manoel de Souza Brito.

Para entender toda essa dinâmica atual que descrevemos até aqui, faz-se necessário compreender os elementos históricos do passado. De forma sucinta, temos três personagens centrais nessa trama: Rosendo de Souza Brito, um migrante nordestino, politicamente ativo e escritor de artigos de jornais da cidade de Araraquara; Manoel de Souza Brito, seu tio, com a mesma condição de migrante, trabalhava em uma botica e; o Coronel Antônio Joaquim de Carvalho, latifundiário da cidade e adepto dos pressupostos ideológicos da República. Era final do século XIX, mais especificamente em 1897, o Brasil acabara de deixar a monarquia para adentrar na República quando, por diferenças políticas com Rosendo, Carvalho resolveu, embasado em seu aporte coronelista, intimidar o primeiro enquanto fazia uma visita a seu tio, Manoel, em seu trabalho.

O conflito rapidamente saiu da esfera verbal e seguiu para as agressões físicas, quando, em defesa de sua vida, Rosendo atirou no coronel o levando à morte. Após o ocorrido, tio e sobrinho foram presos na cadeia da cidade e, depois de um curto período de detenção, foram esquartejados em praça pública em uma simulação de linchamento, pelos correligionários de Carvalho, para vingar o mesmo e, também, para servir de aviso a quem pudesse querer enfrentar o poder local.

Como se não bastasse a morte brutal, o sepultamento dos Brito foi realizado em um local extremamente afastado do núcleo urbano da época, uma área que, como observado anteriormente, já era utilizada para o sepultamento das vítimas da Febre Amarela e da Varíola, com nítida intenção de liquidar, também, a memória dos Brito através do distanciamento material, pela localização, e do distanciamento subjetivo a partir do momento que o sepultamento não seguiu as práticas funerárias comuns à época.

A história através dos documentos oficiais do processo crime, finaliza trazendo a impunidade dos seus mentores. A construção intencional de um cenário de revolta popular e linchamento, organizado exatamente como um teatro pelos mais próximos, na perspectiva de poder econômico da cidade, ao Coronel foi exitosa. No entanto, a população de Araraquara, ciente dos detalhes cujos trâmites judiciais não foi ou não quis ser capaz de evidenciar, viu na enorme injustiça e sofrimento impingido aos Brito a redenção necessária para que, a partir daquele momento, eles fossem reverenciados como milagreiros.

Concomitante ao movimento que observa a injustiça no caso dos Brito, está ativo também, no senso comum, a dominância das ideologias da classe social que exerce o poder na cidade, já que, até hoje, o cemitério carrega por entre os munícipes a imagem de um local de demérito. Além do inconsciente coletivo, as próprias feições do cemitério transmitem uma simplicidade extrema, sua paisagem apresenta colunas e fileiras de cruzes simples, rentes ao chão, de coloração branca e a única identificação permitida é a sequência numérica que indica qual é o corpo sepultado naquele local e naquele momento.

## CONCLUSÃO

É evidente que há grandes diferenças entre os dois espaços funerários: o cemitério São

Bento abriga jazigos e obras de arte que refletem os mais variados estilos arquitetônicos, refletindo em suas sepulturas e na localização das mesmas dentro do cemitério, o poder aquisitivo de cada família que ali jaz; já o Cemitério dos Britos, com suas características materiais simples, é destinado às classes economicamente menos favorecidas. Ambos carregam tais características desde o início da utilização dos espaços para sepultamento.

Do ponto de vista subjetivo, tal diferença também é notória, e o episódio dos Brito é uma das evidências dessa situação. A tentativa de apagamento de suas memórias, ainda que mal sucedida por não contarem com a comoção popular, é a materialização da disputa latente entre dois grupos sociais. De um lado a camada menos abastada economicamente e que com pouco poder de decisão política e organizativa na cidade, e do outro lado, a classe que influencia a dinâmica social, que detém os lucros do processo produtivo e, por isso, ocupa os cargos de decisão.

Nesta análise interdisciplinar, considerando conceitualmente os elementos que aqui levantamos através da análise espacial e da paisagem, da compreensão arqueológica da materialidade e do contexto e da historiografia em documentos, literatura e da memória, é possível compreender que a disputa e manutenção do poder é tão significativa que está materializada nas paisagens cemiteriais que aqui apresentamos. Tais espaços estão em disputa desde o final do século XIX até a atualidade. Todas as recentes alterações no Cemitério dos Britos indicam o interesse público administrativo em dar destaque a um episódio que outrora ficou vivido apenas pela memória popular. Indicando, também, que na ocasião dos investimentos e alterações, os espaços de poder da cidade estavam imbuídos de um compromisso que, pelo menos em parte, considerava importante a valorização das classes historicamente apagadas.

O evento que envolveu Rosendo e Manoel de Souza Brito é apenas uma das perspectivas que evidenciam essa disputa social dentro dos cemitérios, indicando para os pesquisadores que ainda há muito o que explorar, principalmente na questão racial. Apesar de popularmente ser de conhecimento dos munícipes que o Cemitério dos Britos tenha sido destinado ao enterramento de pessoas escravizadas, tendo em vista que os registros oficiais que indicam tal situação são praticamente inexistentes. Outro indicativo dessa questão é a falta de indicação, na materialidade cemiterial, de sepultamento escravizados e ex-escravizados no cemitério São Bento, com exceção do preto Eduardo e de João Cardoso, cujas lápides indicam sua origem negra e suas condições de ex-escravizados. Assim como visualizamos a necessidade de aprofundamento dessas pesquisas, também identificamos seus entraves. O Cemitério dos Britos está ativo, dificultando pesquisas mais invasivas. Outro ponto importante a se considerar é que os túmulos em tal cemitério, em particular na área pública, não são perpétuos, sendo periodicamente exumados os corpos sepultados para dar lugar a um novo sepultamento.

## Referências

BINFORD, Lewis R. Mortuary practices: their study and their potential. In . BROWN, James A. **Approaches to the social dimensions of mortuary practices. SAA Memoirs.** Washington D.C.n.25, p. 6-29, 1971.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, Diogo M. **O Urbano e a Arqueologia**: uma fronteira transdisciplinar. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. v. 8. n. 2, 2014.

COSTA, Miguel Cipriano: "**Arqueogeografia do Vale do Tua**", Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua, vol. II, pp.144-173. 2018.

FERREIRA, Dianária L.; ANDRADE, Jaciara S. **Os anjos dormem: o cemitério dos Anjos de São Braz do Piauí sob a ótica da Arqueologia Funerária**. Revista Arqueologia Funerária, [s.l.], v. 1, n. 1, 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Por uma arqueogeografia brasileira: a possibilidade de análise profunda do território a partir da Guerra do Contestado como exemplo prático**. Êxito Editora e Comunicação. SC. 2022.

IZQUIERDO, Javier Ignacio de Carlos. **La Arqueogeografía**: un procedimiento para el estudio del Espacio Arqueológico. 1991. Tese de Doutorado. Tesis Doctoral (Universidad Complutense de Madrid) dirigida por Gonzalo Ruíz Zapatero.

JOHNSON, Matthew. **Teoria Arqueológica**: una introducción. 1ª edición. Barcelona: Editora Ariel, 2000.

LIVRO DE MATRIMÔNIO, ÓBITOS E BATISMO, Registros da Igreja Católica de 1640 a 1932. **Livro 1 da Igreja Matriz**. Acessado em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-VW3D-BS?i=4&wc=M5N1-MN5%3A372124101%2C371869702%2C372257601&cc=2177299>.

LOPES, Eduardo Luiz Veiga. **100 anos de fotografia**: memória fotográfica de Araraquara. Araraquara: Prefeitura Município de Araraquara, 1999. CD-ROM.

MUNFORD, Lewis. **A cidade na história**. Itatiaia, Belo Horizonte, 1965.

OLIVEIRA, Maria Aparecida da Silva. Práticas funerárias na arqueologia – Pluralidades e Patrimônio. **Clio Arqueológica**, v. 33, n. 2, p. 1 – 43. 2018.

RIBEIRO, Marily Simões. **Arqueologia das práticas mortuárias**: uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SAXE, Arthur. A. **Social dimensions of mortuary practices**. Ph. D. dissertation. Michigan: University of Michigan, 1970.

SESMARIA DE CAMPOS DE ARARAQUARA. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Memória Pública, 1916. Mapa, preto e branco 164 x 100. Escala:1:20000.

SPOSITO, Maria E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008.

TELAROLLI, Rodolpho. **Para uma história de Araraquara**: 1800-2000. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial, 2003.